

## Eu, tu, ele, ela, nós e o narrador: conversas sobre leitura a partir de Percy Jackson

Me, you, he, she, we and the narrator: conversations about literature

**Vanderléia Müller Schons**

**Lovani Volmer**

**Rosemari Lorenz Martins**

Universidade Feevale – Feevale – Novo Hamburgo – Rio Grande do Sul – Brasil

---

**Resumo:** Este estudo insere-se no campo da leitura literária e pretende lançar um olhar à atuação do narrador como um mediador simbólico de leitura e, assim, responsável também por aproximar ou distanciar o leitor da obra. Nessa perspectiva, vê-se a literatura como meio de instrumentalização de leitores a fim de torná-los críticos e autores conscientes das reflexões necessárias para que, de forma livre e crítica, tomem suas decisões frente ao contexto em que estão inseridos. Assim sendo, com base no aporte teórico de estudiosos da leitura literária, da narrativa, do narrador e da mediação, analisamos o livro *Percy Jackson e os deuses gregos*, de Rick Riordan, e apresentamos uma proposta de mediação leitora realizada com adolescentes com idade entre 11 e 13 anos, em uma escola comunitária gaúcha. Entre os resultados obtidos, pode-se destacar a importância do processo descrito no estudo para a formação do perfil leitor dos estudantes, contribuindo com a prática docente e a seleção de narrativas pertinentes à proposta.

**Palavras-chave:** Leitura. Narrador. Formação de leitores.

**Abstract:** This study is part of the field of literary reading and intends to investigate the role of the narrator as a symbolic mediator of reading, and, thus, also responsible for either approximating or distancing the reader from a novel. In relation to this, literature is seen as a way to instrumentalize readers into becoming more critical, growing to be authors conscient of the reflections necessary to freely and critically make decisions in the context they are inserted in. Grounded on theoretical support from scholars of literary reading, of narrative, of the narrator and of mediation, we analyzed the book *Percy Jackson's Greek Gods*, by Rick Riordan, and presented a mediated reading project carried out with teenagers aged 11 to 13, in a community school from Rio Grande do Sul. Among the obtained results, the importance of the process described in the study for the development of the students' reader profiles, which contributes to teaching practices and the selection of narratives that pertain to each proposal, are highlighted.

**Keywords:** Reading. Narrator. Reader development.

---

## Iniciando nossa conversa – introdução

O que influencia os estudantes a lerem e a continuarem lendo? Por que eles desistem de ler um livro? Se são leitores, quais aspectos têm importância para a adesão a uma história e para a leitura até o final? Entre as causas citadas por pesquisas, podemos considerar que a capa do livro é um importante elemento a considerar na hora da escolha do leitor. Um gênero literário também pode atrair mais que outro. A forma como, por exemplo, o professor apresenta o livro à classe também faz diferença. Um autor mais ou menos renomado pode influenciar também. Mas há outro fator, ainda pouco explorado nesse sentido, que poderá ser aliado à conquista de jovens leitores críticos e conscientes: o narrador. De modo implícito ou explícito, assumindo um personagem ou protagonizando o enredo, pode levar o estudante a se aproximar da obra.

Como subsídio para reflexões acerca do papel do narrador na narrativa como forma de conquistar leitores, são apresentados trechos do livro *Percy Jackson e os deuses gregos*, de Rick Riordan, obra escolhida para a realização de uma prática de formação leitora com alunos do 6º ano em uma escola comunitária gaúcha. A obra apresenta uma introdução escrita pelo próprio narrador, ou seja, traz elementos críveis aos olhos dos leitores por ser o Percy que se apresenta e o faz com uma possível semelhança com os estudantes logo de saída, quando diz “só espero que eu ganhe uns pontos na matéria por isso” (RIORDAN, 2015, p.9), ou seja, coloca-se no nível de jovens leitores, criando uma ligação, uma identificação, mesmo antes de iniciar a história propriamente dita.

No final da introdução do livro, o narrador convida, com a certeza de ter capturado seus leitores: “Coloquem seus óculos de segurança e suas capas de chuva. Vai ter sangue” (RIORDAN, 2015, p.9). Esse convite sugere uma ação por parte dos leitores, que, mesmo de forma fictícia, entram no jogo. As (re)ações dos estudantes diante das provocações do narrador geram construções de trilhas personalizadas que seguem o fluxo da história, o envolvimento com a

leitura. As evidências nas produções dos estudantes a partir da proposta que é apresentada neste artigo refletem o quanto a mediação realizada na escola, a escolha de um livro e um narrador protagonista podem influenciar na formação literária dos estudantes.

## E por falar em leitura...

A leitura literária tem, na vida das pessoas, um papel fundamental: transformar o interior de cada um. Não é possível sair ileso após deixar-se levar por universos fictícios que, mesmo sem terem a pretensão de ser uma descrição do real, de certa forma, imitam a realidade (ou realidades possíveis) ou são oportunidades de reescrever partes do sujeito que ainda não estão claras para ele mesmo.

A leitura, segundo Iser (1979), permite o acesso a fatos através da encenação, o que torna o inacessível presente, contudo, a ausência evidencia-se pela concepção de que a transformação encenada é um jogo. Considerando-se a leitura literária em contextos escolares, muitas inquietações acompanham os docentes desde sempre, de modo que, como lidam com seres humanos em permanente formação, precisam pesquisar constantemente.

Ao se enveredar por estudos e pesquisas, o professor de Língua Portuguesa encontrará suporte para validar com força seu papel de mediador na formação de leitores, pois o espaço escolar compõe um terreno ávido, fértil que anseia por conhecimento, inovação, movimento. Assim, assumindo seu papel de professor mediador e formador de leitores, precisa estar atento a seu público e organizar os espaços para que o desenvolvimento da leitura literária ocorra. Esta, por primar pela formação humana, é essencial, porque pode auxiliar na construção do sujeito, conectando-o com seu interior, facilitando um olhar para si, para o outro e para o mundo que habita.

A leitura concretiza-se e se realiza com o leitor que, à medida que vai lendo, preenche as lacunas do texto com suas experiências e expectativas (conscientes ou não), configurando uma constante troca, na qual o sujeito vai inserindo sua

identidade de leitor em processos nem sempre identificados por ele e com os quais concorda (ou não).

Sob essa perspectiva, ler significa relações e movimento, de leitor e leitura, em uma constante troca que provoca mudanças. Então, o texto pode ser o mesmo, lido em outro momento, contudo, mudou o leitor e o contexto, pois nos modificamos constantemente, o que gera um novo texto, uma nova leitura. Há um diálogo e, se há diálogo, pressupõe-se uma indagação, algo que nos move em busca de respostas ou de mais questionamentos. Cosson (2014, p.41) afirma que

Ler, metafórica ou literalmente, começa com uma pergunta que fazemos ao texto, não importa que essa pergunta seja para nos distrair, para nos emocionar, para nos confortar, para esquecer, para lembrar, para identificar ou para compartilhar. Se a leitura é um diálogo, todo diálogo começa essencialmente com uma pergunta, com uma questão, cuja resposta nos leva a outra pergunta e a outra resposta e a outra pergunta...

A leitura vista como experiência estética, assim como a arte em geral, permite adentrar em diferentes mundos, próximos ou não, da realidade do leitor que, por meio dessas incursões livres de julgamentos alheios, desenvolve sua autonomia. Como afirma Michèle Petit (2009, p.92), “por meio dessas idas e vindas, o leitor traça a sua autonomia, mediante a qual ele se reconstrói”. São caminhos não trilhados na vida, mas necessários para a formação do sujeito.

As narrativas como opções de leitura, metaforicamente, são a elaboração da nossa própria história e autorizam a rever aspectos ainda não claros ou refutar outros com os quais não concordamos. A identificação com a história surge sempre, ora como descrição quase fiel de nossa própria vida, ora com fatos que nos provocam asco e rejeição no sentido de ainda precisarmos revisá-los e elaborá-los em nosso íntimo. Petit (2009, p.108) já afirmou isso quando disse que

Ler, Os textos lidos abrem aqui um caminho em direção à interioridade, aos territórios inexplorados da afetividade, das emoções, da

sensibilidade; a tristeza ou a dor começam a ser denominadas. O que é dividido com o autor, com aquele ou aquela que lhes empresta a voz, com os que participam desses espaços de leitura, abre um espaço íntimo, subjetivo.

Da mesma forma, a afirmação de nossas escolhas, ao longo da vida, torna-se mais segura ao nos depararmos com personagens que representam isso. A sensação positiva a partir da identificação afirma as decisões acertadas em nossa narrativa. Pode-se dizer que ler textos literários é uma nova chance de falarmos de nós mesmos, seja pela voz do narrador, das personagens que o habitam, seja pelo fato de o cenário nos remeter ao mundo que nos habita desde sempre, para explorar o novo ou revisitar o velho. Reações e emoções estão inerentes nesse movimento.

No que tange à leitura, pode-se utilizar esse processo a favor da conquista de leitores, pois, de uma forma ou outra, o acesso a nossas histórias é revivido pelos textos. Por identificação ou repulsa, a leitura envolve emoções, então, se o professor ou mediador de leitura estiverem próximos aos estudantes nos momentos de leitura, poderão “guiá-los pela mão” ou “direcionar seu olhar”, para que possam tirar melhor proveito dessa leitura. Deixar-se envolver, ser cúmplice, compartilhar exemplos de mudanças que a leitura de histórias fez e faz na vida dos leitores corrobora positivamente as (re)ações dos estudantes perante a leitura.

Na leitura do texto ficcional, a construção de significados é permeada por estratégias, pois, sendo o texto uma matriz geradora de algo novo, o leitor joga e é jogado na construção de sentidos. O que coloca o jogo em movimento são os espaços vazios e, para prosseguir, os movimentos precisam transpor as diferenças, ou seja, são as próprias diferenças que conferem ao movimento a ação de jogar e avançar, advindo da superação das mesmas a garantia da continuação do jogo.

Nesse sentido, o ato de ler desafia a tomada de decisões a partir de determinado contexto e do papel assumido pelo leitor, influenciado pelo narrador. Enquanto lê, o leitor movimenta-se e é movimentado

no jogo do texto através de seus espaços indeterminados e, por isso, exige-se um perfil proativo e autônomo para entrar nesse jogo, ora aceitando e seguindo o roteiro, ora contrapondo e modificando a rota.

Os autores/narradores jogam com os leitores e, nesse âmbito, o texto é o campo de jogo. Dessa forma, a ação por parte dos jogadores é intencional, contudo, atinge fatos além da consciência, identificando-os e interpretando-os. O mundo do texto pode ser o mundo real do leitor que, com a leitura, é transgredido. A partir de um contrato estabelecido entre os jogadores – leitor e autor – acontece a transgressão no próprio texto, não na realidade em si, com consequências nesse mesmo plano, o ficcional.

### **E por falar em narrador**

O professor mediador deve ser seduzido pelo livro antes de abordar a história com seu público. Além disso, o docente precisa conhecer bem seus estudantes, saber suas expectativas, seus desejos, seus medos, suas inquietações a fim de poder encontrar uma obra que os encante, incomode, desafie e os faça sair do lugar comum ou voltar a locais especiais. O presente estudo foi realizado com um grupo de estudantes entre 11 e 13 anos com um perfil inquieto, com pés em poças de chuva e pensamento adolescente, ou seja, um público disposto a realizar as propostas, contudo cheio de reclamações, questionamentos e verdades fugazes em consonância com os sentimentos, incertezas e convicções que acompanham essa fase da vida.

Rick Riordan, entre seus diversos livros, apresenta uma série de obras que trazem o universo mitológico em linhas organizadas de modo a encantar leitores jovens, fato que talvez seja atribuído aos anos em que lecionou para esse público. A partir disso, o narrador Percy Jackson sai em vantagem na adesão dos jovens leitores mencionados neste estudo. A escolha do livro Percy Jackson e os deuses gregos para ler aos estudantes e realizar a mediação de leitura justifica-se por ele expor um universo de aventura apresentado por um narrador jovem e crítico

que, além de contar a história em primeira pessoa, conduz o olhar do leitor e pode interferir nas opiniões dele ao relatar suas próprias, ou seja, sinaliza o quanto o olhar questionador e a postura autônoma diante da vida traz mudanças, entre elas, a formação de seres pensantes e reativos diante das situações da vida.

O narrador corresponde, pois, ao autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa. O autor, por sua vez, corresponde a uma entidade real e empírica. Quando lemos, contamos ou ouvimos uma história, estamos na companhia do narrador, que, ao narrar, deixa suas marcas. De acordo com Iser (1999), os comentários do narrador abrem certo jogo livre para a avaliação e permitem que novas lacunas apareçam no texto.

Assim, o narrador regula a distância entre o leitor e os eventos e, ao fazê-lo, produz o efeito estético da história. Ao leitor é dada apenas informação suficiente para mantê-lo orientado e interessado, mas o narrador, deliberadamente, deixa abertas as inferências que deverão ser extraídas dessa informação. Em consequência, espaços vazios são levados a ocorrer, estimulando a imaginação do leitor a averiguar a assunção que poderia ter motivado a atitude do narrador. Dessa forma, nos envolvemos porque reagimos aos pontos de vista antecipados pelo narrador (ISER, 1999, p.26).

A partir dessas modalizações, o narrador confere ao texto uma ordem de importância, segundo suas intenções e o relato concebe sentidos que ele quer que sejam inferidos. Assim, as escolhas do narrador influenciam as escolhas dos sujeitos leitores por estarem imbuídas das intenções dele.

A leitura depende, nesse sentido, daquilo que é responsabilidade do narrador, cujas inserções podem provocar uma variedade de respostas, uma vez que possibilitam pontos de vista múltiplos. Assim, ao lermos uma narrativa, mesmo sem perceber, levamos em conta as intenções do narrador, que conduz, em maior ou menor grau, a nossa significação.

As suas funções, assim, não se esgotam no ato de enunciação que lhe é atribuído. Como

protagonista da narração, ele é detentor de uma voz observável ao nível do enunciado por meio de intrusões, vestígios mais ou menos discretos da sua subjetividade, que articulam uma ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas. Conforme a perspectiva adotada e o grau de presença do narrador, a narrativa pode fornecer ao leitor mais ou menos detalhes, de forma mais ou menos direta e, assim, mantê-lo mais ou menos distante dos fatos narrados. No caso da obra adotada, a riqueza de detalhes que o narrador fornece, joga o leitor para um mergulho no universo fictício fidedigno ao enredo, compondo o personagem ao seu bel prazer e levando o julgamento dos leitores a se equiparar com o seu, conforme trecho que segue

Ele estava especialmente interessado no poder destrutivo do tempo. Por ser imortal, para Cronos era inacreditável o que poucos anos podiam fazer a uma vida mortal. Por pura diversão, ele viajava pelo mundo acelerando a vida de árvores, plantas e animais, só para vê-los murchar e morrer. Ele nunca se cansava disso (RIORDAN, 2015, p.24).

Ao utilizar a forma direta de se referir aos leitores, Percy passa a impressão de estar conversando informalmente com eles, o que permite a aproximação com a história. Assim, o narrador é quem sabe, quem viu, quem viveu, ou seja, um velho sábio que merece ser ouvido, porque sabe dar conselhos aos ouvintes: “o narrador retira o que ele narra da experiência; da sua ou de outros. E traz de volta para a experiência daquele que escuta sua história” (BENJAMIN, 2007, p.107)<sup>1</sup>. Os leitores, por sua vez, incorporam o narrado às suas experiências. Nesse sentido, a voz do narrador pode, também, desempenhar uma função de interpretação do mundo narrado e assumir uma função de ação nesse mesmo mundo.

Ao ler uma obra, mais do que apenas verificar se o narrador participa ou não dos fatos, se viveu ou não a história narrada, se a narrativa é em 1ª ou 3ª

pessoa, precisamos perceber que implicações essas diferentes posições trazem ao narrado, que farão com que sejamos mais ou menos cúmplices deste que tem a responsabilidade de conduzir nossa leitura. Sujeito fictício da enunciação, o narrador é o responsável pela exposição de todas as instâncias narrativas.

Ao longo do texto, por diversas vezes, Percy convoca os leitores a uma ação/reação ao que é dito. Exemplo disso:

Portanto, vocês *sabem* que, quando Zeus atingir a maioridade, vai haver um embate de proporções épicas entre pai e filho. Se vocês querem um final do tipo ‘felizes para sempre’ para Cronos e seus titãs, sugiro que parem de ler agora. Porque, no próximo capítulo, Zeus vai pirar (RIORDAN, 2015, p.40).

Nesse trecho, o verbo “sabem” coloca o leitor como alguém que tem conhecimento, afirma positivamente o entendimento da história até então, em uma cumplicidade de quem compactua com o texto. A intertextualidade marcada pelo “felizes para sempre” remete aos contos de fadas conhecidos pelos alunos, o que provocou os jovens leitores a quererem saber o que realmente tinha acontecido, pelo fato de Percy indicar justamente o contrário do que acontece nos contos tradicionais, o que foi reforçado pela provocação “parem de ler agora”. Em outras palavras “Vamos jovem leitor, se posicione! Seja crítico, exerça seu papel diante da vida!”

Entre outros fatores, a narração em primeira pessoa aproxima os leitores do texto, pois esse tipo de posicionamento do narrador protagonista parece promover uma veracidade maior, reafirmada com as interlocuções entre ele e seus leitores. Segundo Volmer (2015, p.29),

As funções do narrador não se esgotam, entretanto, no ato de enunciação que lhe é atribuído. Como protagonista da narração, ele é detentor de uma voz observável ao nível do enunciado por meio de intrusões, vestígios mais ou menos discretos da sua subjetividade, que articulam uma ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas. Conforme a perspectiva adotada e o grau de presença do narrador, a narrativa pode fornecer ao leitor mais ou menos detalhes, de forma mais ou menos direta e, assim, mantê-lo mais ou menos distante dos fatos narrados.

<sup>1</sup> Tradução livre das autoras: “Der Erzähler nimmt, was er erzählt, aus der Erfahrung; aus der eigenen oder berichteten. Und er macht es wiederum zur Erfahrung derer, die seiner Geschichte zuhören” (BENJAMIN, 2007, p.107).

Além disso, a narrativa abordada fornece pistas do que vem a seguir, contudo, não há nada engessado a ponto de o aluno conseguir prever os passos a seguir, ele apenas trabalha com hipóteses do que pode acontecer. Isso gera cumplicidade e prioriza o processo. O livro traz isso como estratégia ao final de cada capítulo, quando o narrador dá pistas, aguça a curiosidade e mantém o domínio da história, ou seja, apresenta dados de quem sabe o do que está falando. O final do capítulo três é um exemplo disso: “Agora é hora de conhecermos os deuses na sua intimidade. Só para avisar, algumas das histórias que vêm a seguir podem fazer vocês se sentirem como Cronos depois de um grande cálice de néctar com mostarda” (RIORDAN, 2015, p.60). Esse trecho, além de outros já citados, compõem a caracterização de um narrador homodiegético - autodiegético que, segundo Volmer (2015, p.30).

Ao narrar suas próprias vivências como protagonista, tem o leitor mais próximo de si, podendo este, inclusive, confundir-se com aquele na vivência das ações, que, narradas em 1ª pessoa, facilitam a adesão ao narrado – narrador e narratário podem facilmente confundir-se. O mesmo pode acontecer com o narrador homodiegético, porém, em menor grau, uma vez que a tendência é haver identificação com o protagonista.

Percy Jackson, como narrador que vivenciou alguns fatos ou os conheceu através de narrativas fiéis de quem as viveu, não escondia sua aversão a Cronos e, expondo claramente sua opinião, levou os estudantes a condenarem o deus do tempo também: “De acordo com algumas tradições posteriores (e eu gosto dessa versão), Zeus pegou a foice do pai e o picou da mesma forma que Cronos tinha picado Urano” (RIORDAN, 2015, p.58).

A partir do quarto capítulo do livro “Percy Jackson e os deuses gregos”, o narrador começa apresentando os deuses individualmente através de histórias que envolvem o leitor. Então, a página seguinte apresenta a imagem de Zeus como sendo o primeiro dos irmãos, contudo, a fim de levar o leitor a pensar que Zeus não é tão grandioso como narram os mitos gregos (opinião do semideus), Percy questiona: “POR QUE ZEUS É SEMPRE O

PRIMEIRO? Sério, todo livro de mitologia grega tem que começar com esse cara” (RIORDAN, 2015, p.61). Assim, percebe-se que imagem e texto se complementam para demonstrar claramente que Percy Jackson não admira Zeus, preferindo seguir a ordem de nascimento na descrição dos deuses: Héstia, Deméter, Hera, Hades, Poseidon e, por fim, Zeus.

Essa indignação é reforçada na frase seguinte com a expressão *esse cara*, que não é coerente à posição que um deus ocupa, soando um tanto pejorativa. Conforme o excerto em que o narrador Percy Jackson compara as atitudes de Zeus às de um professor injusto,

Só sei que Zeus ficou zangado e decidi destruir a raça humana por completo *Sério*. Não é possível que os humanos estivessem fazendo tanta besteira assim. Tenho certeza de que não estavam fazendo nada que já não faziam antes. Mas Zeus decidiu que tudo tem um limite. Ele agiu como um daqueles professores que deixa você passar o ano todo sem estudar nada nem fazer dever algum para então, um dia, sem motivo aparente, ficar rigoroso. Tipo: ‘Muito bem, já chega! Todo mundo suspenso agora! A turma toda!’ (RIORDAN, 2015, p.170).

No trecho transcrito fica visível que o narrador quer levar os leitores a achar que Zeus é um deus injusto, pois faz uma comparação valendo-se do contexto familiar aos alunos: a sala de aula. Na relação de poder entre professor e alunos, no exemplo dado, o mestre foi totalmente injusto e, dessa forma, o leitor consegue transferir facilmente a injustiça ao contexto do livro porque “toma as dores” da parte mais fraca e injustiçada (eles, os alunos). O termo “*sério*” aparece em itálico, o que também denota que Percy não concorda com Zeus ao querer destruir completamente a raça humana.

Isso reforça o fato de o narrador conseguir conduzir a leitura dos alunos sob seu olhar, pois, com essa estratégia de simular a apresentação de Zeus primeiro e depois mudar de ideia e apresentar Héstia, induz a possibilidade de os alunos (fãs de Percy) também pensarem que Zeus tem vantagens sobre os outros. Segundo Volmer (2015), o leitor tem liberdade de construir sentidos, porém, eles são limitados pelos

significados do texto e condições de uso, podendo-se restringir os limites dados pelo narrador. Talvez sem a interferência do narrador Percy Jackson, não haveria julgamentos a Zeus, nem positivos nem negativos.

Além de mudar a ordem de apresentação dos deuses, o narrador utiliza recursos gráficos para influenciar o julgamento dos leitores. Esses recursos não estavam no campo visual dos estudantes, no caso deste trabalho, uma vez que a professora mediadora realizou a leitura do livro. Desse modo, a mediação precisou garantir que os estudantes “visualizem” as aspas, os itálicos, as frases em letra maiúscula, entre outros, e isso só foi possível pelo tom de voz, pela expressão corporal da professora leitora, por meio de pausas estratégicas, leitura mais ou menos demorada, enfim, nesse ponto, entrou novamente em jogo a importância da mediação como forma de alcançar significados que sozinhos os estudantes talvez não conseguiriam construir.

Quando Percy pergunta sobre a ordem de apresentação dos deuses, conforme citado anteriormente, a indagação inicial traz sua indignação escrita em letra de forma, ou seja, representando um tom de voz gritado. Outro recurso bastante explorado por Percy é a expressão de sua opinião entre parênteses, como se falasse seus pensamentos em voz alta, conforme segue (RIORDAN, 2015, p. 73) “Ele a encontrou em um campo de trigo (que surpresa).” Ou quando nega a informação sobre Zeus logo após registrá-la: “Talvez Zeus tivesse razão: NÃO. ELE NÃO TINHA RAZÃO) (RIORDAN, 2015, p.85).

Ao transmitir o pensamento ou as falas das personagens, o narrador pode se servir do discurso direto, do discurso indireto ou, ainda, segundo Othon Garcia (1985), de uma contaminação de ambos, o discurso indireto livre. No discurso direto, o narrador reproduz textualmente as falas das personagens, enquanto no indireto ele reproduz esse discurso com suas próprias palavras. No discurso indireto livre, por sua vez, esses dois discursos se misturam, ou seja, “a fala de determinada personagem ou fragmentos dela inserem-se discretamente no discurso indireto através do qual o autor revela os fatos” (GARCIA,

1985, p.147). O livro em questão, traz discurso direto, indireto e uma mistura de ambos.

Nos exemplos citados, o leitor é considerado um produtor de sentidos que, pelos olhos do narrador, vai desvelando o texto e nele colocando-se conforme suas experiências.

Outra caracterização que Percy impinge aos leitores é a postura de vítima de Poseidon que aliás, segundo ele, foi injustiçado já na divisão do mundo. Nesse trecho, percebe-se a piedade que o narrador deseja que os leitores sintam de Poseidon, seu pai, quando utiliza a expressão “teve que aceitar”. No caso, Poseidon aceitou a condição da sorte. Conforme Riordan (2015, p.144),

Na época em que Zeus, Poseidon e Hades jogaram os dados para dividir o mundo, Poseidon tirou o *segundo* melhor número. Ele teve que aceitar que Zeus se tornasse senhor do universo e teve que passar a eternidade ouvindo as ordens do irmão. Mas Poseidon não reclamou. Ele tinha ganhado o mar. Para ele, estava bom. Ele gostava de praia. Gostava de nadar. Gostava de frutos do mar. (RIORDAN, 2015, p.101).

Mais adiante, o narrador introduz elementos da realidade dos ouvintes que, com certeza, não estavam disponibilizados na época da narrativa, a existência de telefone e rede wi-fi, o que cria um toque de humor e aproxima o mundo do narrador com o mundo do leitor: “O mundo inferior tinha um péssimo serviço de telefonia e nenhuma rede wi-fi” (RIORDAN, 2015, p.125).

Para finalizar o texto, o narrador novamente “conversou” com os leitores, estreitando relações e criando prováveis memórias alusivas ao episódio da história: “Portanto, da próxima vez que escovarem os dentes e ficarem com hálito refrescante, podem agradecer a Perséfone, embora seja meio nojento esfregar na boca uma pasta feita de ninfa esmagada” (RIORDAN, 2015, p.143).

Para ser mediador em parceria com o professor e efetivamente fazer a diferença no contato do leitor com a narrativa, considera-se que o narrador precisa ter algumas características, pois ele não é responsável só pela condução da leitura, mas é um dos elementos textuais que promove ou dificulta o contato com o texto, ao incluir, mostrar, em maior ou

menor grau ao leitor, que, assim, pode se sentir, mais ou menos, próximo do texto que está lendo e, por essa atuação, por exemplo, decidir continuar ou abandonar a leitura. De acordo com Volmer (2015, p.115), o narrador mediador precisa:

- a) Ser sábio: o narrador pode narrar sua experiência ou a de outros, mas deve ter profundo conhecimento sobre o narrado, o que se apresenta não apenas na história em si mas também nos detalhes daquilo que conta.
- b) Levar em consideração o universo de expectativa do leitor: o narrador deve contar a história de forma instigante, de tal forma que desperte a curiosidade do potencial leitor e permita-lhe lê-la como se fosse real. Além disso, o vocabulário usado pelo narrador deve ser acessível e a estrutura frasal adequada ao público-alvo.
- c) Desafiar o leitor: o narrador deve chamar o leitor para o texto, o que pode acontecer de forma direta – quando o narrador interpela diretamente o leitor - ou indireta – quando faz o uso da 1ª pessoa do singular (eu) ou do plural (nós), incluindo o leitor no texto, ou quando a situação-problema apresentada exige que ele se posicione, aceitando ou não o narrado, indignando-se, emocionando-se.

Assim sendo, consideramos que o narrador responsável pelo jogo narrativo, por envolver mais ou menos o leitor, por mostrar ou esconder, como defende Eco (1994), pode exercer o papel de mediar simbolicamente a leitura, contribuindo, inclusive, com o envolvimento do leitor na/com a trama.

Algumas evidências da mediação do professor e do narrador foram possíveis de serem observadas em atividades a partir da leitura e do trabalho com estratégias efetivas (e claro, afetivas) ao longo do caminho.

## **E por falar em evidências**

Sentados em um tapete, os alunos iniciaram sua aventura pelo universo dos deuses gregos. No decorrer da semana, após o início da leitura do livro, alguns alunos manifestaram-se: “Sora, quando tu vai continuar a história?” “Lê logo, sora!”. O interesse do restante da turma foi confirmado através de vários sinais positivos, o que validou o contrato estabelecido entre o texto e os leitores.

Entre as propostas, no terceiro capítulo intitulado *Os olímpianos esmagam algumas cabeças*, Zeus, com a ajuda da mãe Reia, planejou uma forma de libertar seus irmãos que tinham sido engolidos pelo pai Cronos, dando a ele uma bebida que o fez vomitar os irmãos ingeridos. Os estudantes foram desafiados a criar uma versão diferente para esse fato, ou seja, Zeus utilizou algum outro ingrediente e, conseqüentemente, o que sucedeu foi modificado. Foram solicitados a produzir um texto contando como foi o jantar de Cronos após a alteração dos ingredientes, em folhas contendo o enunciado descrito abaixo.

Na seqüência, apresentam-se dois textos, Quadro 1, elaborados pelos alunos a partir da atividade que os instigava a produzir narrativas referentes ao jantar de Cronos com a modificação dos ingredientes utilizados na bebida preparada por Zeus, ou seja, modificando os ingredientes, modificariam as reações dos convidados.



### Quadro 1 – Textos sobre o jantar de Cronos

<p style="text-align: center;"><b>OS INGREDIENTES TROCADOS</b></p> <p>Zeus estava na cozinha, preparando uma bebida para Cronos. Só que o palácio, e até a cozinha, estavam sem luz. O palácio ficava ainda mais feio. Tudo escuro, só a luz de poucas velas. Enquanto Cronos recebia alguns convidados e vizinhos monstruosos.</p> <p>Foi aí que no meio da escuridão, Zeus, misturou e trocou ingredientes. Em vez de por uma planta que faria Cronos vomitar tudo, colocou uma planta que faria ele dormir por cinco dias inteirinhos. E para os convidados, eles iriam dormir também, mas só por uma hora.</p> <p>Zeus entrou na sala principal, onde todos estavam. As janelas eram cobertas por cortinas grandes e cheias de pó. O chão coberto por tapetes vermelhos. E as paredes, feitas de pedra. Aí! Chegou a hora de Zeus dar a todos as bebidas, mas ainda Zeus, não sabia que tinha trocado os ingredientes. Foi aí que...</p> <p>Primeiro tomavam os convidados, e por último Cronos. Depois de beber, todos caíram sobre uma mesa de madeira, e até Cronos adormeceu. Ai Meu Deus! Pensou Zeus, o que eu fiz? Zeus estava pensativo, não sabia o que fazer neste momento. Pensou, pensou, até que teve uma ideia.</p> <p>Zeus esperou passar uma hora, até que os convidados de Cronos acordassem, os botou para fora do palácio. Quanto a Cronos, ele foi imediatamente para a cozinha a fim de preparar algo que iria fazer o Cronos acordar, só que... Zeus usou todos os ingredientes, não tinha nenhum. Como será que ele resolveu isso?</p> <p>Zeus esperou cinco dias até Cronos acordar. Quando ele acordou, Zeus, disse-lhe que ele tinha passado mal e desmaiado. Meio desconfiado Cronos acreditou. Zeus preparou outro jantar, um jantar para realizar seu plano novamente. Tudo acabou dando certo, ele vomitou, e junto vieram seus irmãos.</p> <p>Depois de tudo, Zeus, seus irmãos e sua mãe puderam ter uma vida sem Cronos, uma vida melhor, e em outro lugar.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Um dia feliz (para Zeus)</b></p> <p>Zeus estava quase acabando a bebida quando viu um pote de uma espécie de ferro fervendo e correndo. Dentro tinha um tipo de ácido só que o dobro mais forte que o normal. Zeus logo pegou com um pano grosso e colocou com a mistura.</p> <p>Depois de sacudir muito o copo onde botara o ácido foi a sala onde estava Cronos. Cronos bebeu com tanta vontade de surpreender todos, que quase nem sentiu o gosto, apenas começou a gritar de dor (por uns 5 segundos). Sua barriga e sua garganta rapidamente começaram a derreter e antes de chegar em seus irmãos, já tinha derretido um lugar na garganta que seria possível, mas difícil de sair dali possibilitando de não serem derretidos junto ao pai.</p> <p>De repente caíram aos pés de Zeus e ali mesmo se transformaram formando na forma adulta. Nisso, uma lágrima de alegria caiu de Zeus, sabia que foi um herói para eles. Não é demais? O caçula salvando os irmãos mais velhos? Isso foi a melhor coisa que já fiz. -Pensou Zeus. Os demais na sala, ficaram assustados, mas não entendendo nada saíram correndo para fora do grande castelo do falecido Cronos.</p>
Texto 1	Texto 2

Fonte: Textos produzidos pelos alunos participantes da pesquisa

Observando-se os textos reproduzidos no Quadro 1, vê-se que a aluna que produziu o texto 1, em sua versão, no excerto “Quanto a Zeus, ele foi imediatamente para a cozinha a fim de preparar algo que iria fazer o Cronos acordar, só que... Zeus usou todos os ingredientes, não tinha nenhum. Como será que ele resolveu isso?”, usou reticências para marcar o tempo do pensamento e, em seguida, utilizou um recurso que aproxima o leitor do texto, quando questiona sobre a forma de resolver o problema, ou seja, coloca-se como protagonista e espera o protagonismo do leitor, assim como fez Percy Jackson e diversas situações do livro *Percy Jackson e os deuses gregos*.

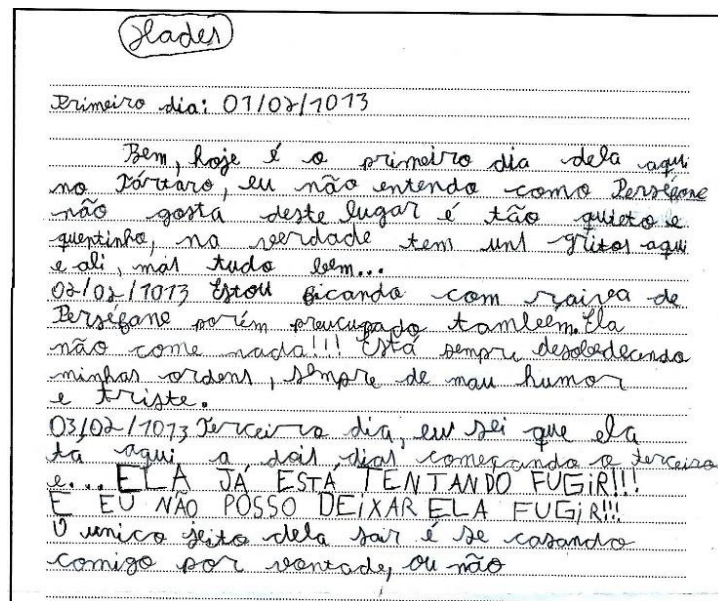
No texto 2, a estudante que o escreveu também utilizou uma forma de solicitar um posicionamento do leitor quando quer uma aprovação do ato de Zeus: “Nisso, uma lágrima de alegria caiu de Zeus, sabia que foi um herói para eles. Não é demais? O caçula salvando os irmãos mais velhos”. Outro recurso que aparece no livro em questão e que foi adotado pela estudante refere-se ao uso de parênteses que, no caso, limita o dia feliz somente para Zeus: “Um dia feliz (para Zeus)”.

A atividade de produção textual possibilitou a aplicação por parte dos estudantes de algumas estratégias de envolvimento do narrador com o leitor utilizadas no livro, mesmo sem esses recursos linguísticos formais terem sido estudados. Foram feitos apenas comentários sobre essas estratégias no decorrer da leitura em função das reações que causavam e dos sentidos que produziam no leitor.

Alguns artifícios foram explorados pelos estudantes na escrita de uma página de diário, atendendo ao desafio de manifestar o que Hades ou Perséfone poderiam estar sentido frente ao ocorrido. Antes da escrita, foram discutidas várias formas que existem hoje para mostrar o que sentimos ou pensamos. Lembraram-se das redes sociais, da prevalência das imagens sobre a escrita, contudo, talvez pela idade em que estão escolheram o diário como forma de fazer os registros por permitir desabaços e “guardar” segredos.

Na sequência, no Quadro 2, apresenta-se um exemplo de texto produzido pelos estudantes.

#### Quadro 2 – Texto Diário de Hades



Fonte: produzido por um aluno participante do projeto

Observando-se o texto apresentado como exemplo, verifica-se, novamente, o uso da letra maiúscula, nesse caso, evidencia o sentimento de desespero de Hades em relação à fuga da amada que está no Tártaro há apenas três dias: “ELA JÁ ESTÁ TENTANDO FUGIR!!! E EU NÃO POSSO DEIXAR ELA FUGIR!!!” O uso da letra maiúscula faz parecer como se Hades estivesse gritando para si mesmo no intuito de encontrar uma solução para a possível fuga de Perséfone. Já na frase seguinte, a escolha pela letra normal expressa uma espécie de reflexão, um dizer a si mesmo sobre qual ação irá impedir a fuga da amada: “O único jeito dela ficar é se casando comigo por vontade, ou não”.

Outro estudante utilizou parênteses para dar uma explicação sobre as “barras (de diamante)” – recurso também utilizado por Percy Jackson como narrador. Além de explicar que está escrevendo com uma pena (recurso disponível na época) justificando seu erro de ortografia não apagado “luz (é difícil apagar com uma pena)...”. Esse aluno fez, propositalmente, o uso da letra “s” onde deveria ser “z” para mostrar que, na época e nas condições em que Perséfone escreveu o diário, não tinha borracha

para apagar os erros. Como são pré-adolescentes em contato direto com a tecnologia e com uma escrita reduzida repleta de ícones e símbolos, isso foi representado no diário também com o uso do emoji carinha feliz como pontuação. Há um misto de estratégias aplicadas pelos alunos que mesclam o que veem (através dos olhos do mediador) em suas leituras e o que utilizam na prática, os eventos de letramento.

### **Finalizando nossa conversa – considerações finais**

Considerando que, através do jogo literário, a leitura permite ao ser humano o acesso ao que não é acessível, o papel do professor como mediador do processo e (trans)formador do perfil leitor do estudante é relevante e, nesse estudo, junto ao narrador protagonista, a mediação se concretiza através das evidências apresentadas.

A autonomia dos leitores, outra meta a ser alcançada, transpareceu nas atitudes dos estudantes, quando apresentaram formas de escrita inspiradas no livro “Percy Jackson e os deuses gregos”, aplicando a seus pensamentos releituras possíveis e significativas. A formação de sujeitos autônomos está atrelada a leitores autônomos que expressam isso em suas escritas e, provavelmente, levarão esse perfil crítico para as situações de vida, tornando suas leituras reflexivas e esclarecidas a partir da instrumentalização proposta nesse artigo.

Cabe destacar que como pré-adolescentes, os estudantes estão vivendo dilemas em relação à autonomia, sem conseguir, muitas vezes, optar entre sua vontade ou vontade do grupo de colegas ou dos pais. Nessa fase, necessitam de olhares atentos, de discussões, de pessoas que os ouçam e espaços que permitam seu crescimento. Seguindo essa lógica, a leitura literária e o envolvimento com práticas leitoras que façam sentido para eles, nas quais são autores e coautores vêm somar no desenvolvimento humano.

Dessa forma, o trabalho com leitura de narrativas literárias com dinâmicas de relações que outorguem aos estudantes o poder de decisão e de

escolhas dos caminhos a seguir conforme suas experiências e histórias anuncia a formação humanizadora da literatura, necessária para o protagonismo frente às situações vivenciadas na realidade e atuando contra as tecnologias da desinformação.

Perante o estudo feito, podemos constatar que o papel da mediação na formação de leitores tem grande relevância e pode ser realizada com o professor mediador, com o narrador protagonista ou com ambos. No ambiente escolar, é de domínio do professor que, fazendo uso de estratégias, une-se ao próprio narrador para intensificar os diálogos ou os silêncios necessários para a literatura ser formadora humana. Conforme Volmer (2015, p.125), “na leitura, recebemos a palavra da voz do outro, a qual é também repleta de vozes de outros e, inclusive, em nosso próprio pensamento já se encontra a palavra povoada de outras vozes”.

Assim, entendemos que, mediante mediação, a obra dialoga com as expectativas do leitor, sendo essa exercida de maneira coerente, efetiva e afetiva pelo professor/narrador. O jogo narrativo, a partir da voz do narrador (permeada pela emoção do professor) desempenha papel fundamental nesse processo de sedução, produzindo o universo fictício (ou não) mas necessário para a formação humana, validando o pacto que se instaura entre leitor e texto.

### **Referências**

BENJAMIN, Walter. *Erzählen: Schriften zur Theorie der Narration und zur literarischen Prosa*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1985.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 2. São Paulo: 1999.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Artur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RIORDAN, Rick. *Percy Jackson e os deuses gregos*. Tradução de Regiane Winarski. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

VOLMER, Lovani. *Mostrar? Esconder? Seduzir? O papel do narrador em obras do PNBE 2010*. Tese (Doutorado em Letras) do Programa de Doutorado em Letras, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2015.